

Editor responsável, ANTONIO PACHECO

Director, PADRE BENEVENUTO DE SOUZA

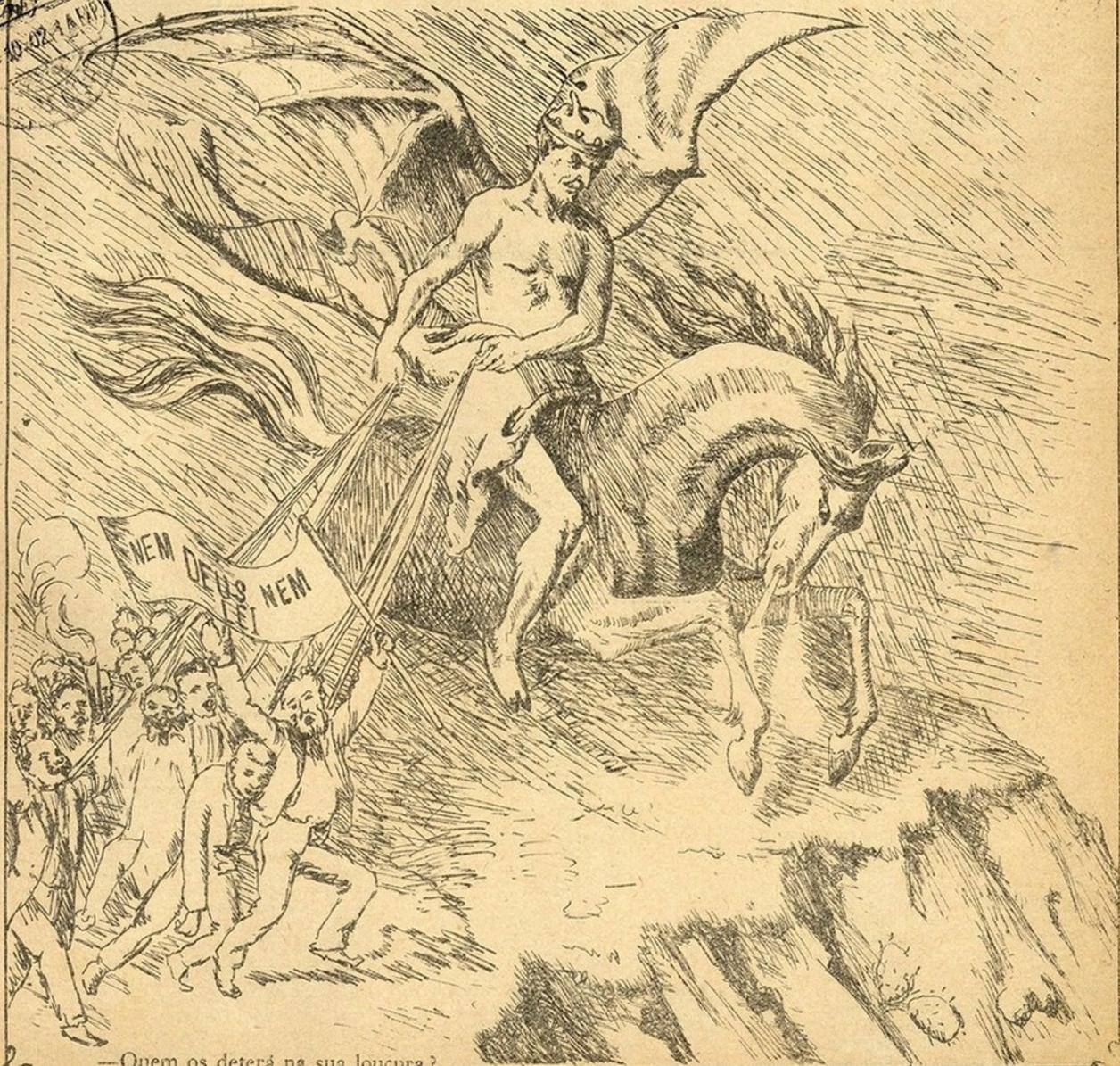
Prça da Batalha, 115—PORTO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Padre Benevenuto de Souza, Outeiro, Torres Novas.

Condições d'assignatura

Anno 500 reis.—Avulso, 20 reis.

Os casmurros maçonicos e o seu Chefe na Ilha da Madeira



— Quem os deterá na sua loucura?
 — Os catholicos, os nacionalistas.
 — Avante, irmãos!

Politica



NRES turvos. Hintze, vendo que o chaveco vae de mal a peor, quiz alijar a carga. Bateu á porta do Zé Luciano. «Amigo,— foram as suas primeiras palavras depois d'um abraço fraternal—é preciso que eu abandone o poder. Não posso mais com tal carga. Não me entendo com os collegas e a bicha vai crescendo espantosamente: nestes 11 ultimos mezes, um deficit de perto de 4:000 contos. Não resisto mais. Aceita o sabre do mando.»

Resposta do Zé Luciano: «Aguenta-te, porque enquanto tu não pagares todos os encargos do convenio, não tens em mim homem para te substituir. Quem lhe comen a carne que lhe roa o osso.»

Replica do Hintze: «Mas, oh desgraçado, tu não vês que, se eu pedir a demissão e tu não aceites, o patife do Franco será chamado, porque tem por si o Soveral e o Sabugosa? Pensa na minha triste sorte. Salva-me e salva-te.»

Treplica do Luciano: «Faze das tripas coração e vae aguentando a carga como puderes. Eu é que não subo ao poleiro sem que tenhas arranjado dinheiro para pagar as despesas do convenio. Estou velho e já tenho idade para começar a ter juizo. Descaja a bota como puderes. E vae-te na paz do Senhor.»

O Hintze, cabisbaixo, saiu dos Navegantes e foi-se para Algés Cogitou e resolveu ficar. No dia seguinte escreveu ao Luciano: «Fico. Antes o paiz vá á vela do que o Franco apañhe o pennacho.»

Entrementes, El-Rei vae preparando as malas para ir visitar Eduardo VII, rei d'Inglaterra.

Boa viagem!

A civilização

—Pois és tu, Eudoxio?
—E tu, Pancrácio?
—Em carne e osso.
—Então pelo Porto?
—Que queres, filho, venho veranejar.
—Veranejar? Mas tu não vives na Foz?
—Vivo, no inverno; no verão, venho para a cidade.

—!!!
—Admiras-te? Faça como toda a gente.
—Como toda a gente, não, homem. A outra gente sae da cidade e vae para a aldeia.
—Tal qual como eu: saio da minha cidade e venho para a aldeia.

—!!!
—Que cara a tua! E' como te digo. Atende-me: No inverno, na minha cidade não ha theatro, não ha musica nos jardins, não ha damas com chapellino e toilettes luxuosas em passeio, não ha pic-nics, nem bailaricos, nem derriços nos jardins publicos. Agora, que toda a gente que se preza foi para a Foz, aquella pacifica estancia tornou-se um verdadeiro inferno: é uma cidade com todos os seus vícios e encargos. Ora eu, que tambem sou gente que me prezo, emigro da aldeia, por não poder aturar tanta civilização e progresso, e venho para a cidade, onde estou á vontade, sem theatro, sem musica, sem passeios publicos, sem toilettes custosas e sem o diabo que os carregue, pois me obrigavam a gastar em dois mezes o que eu não gasto num anno. E aqui tens porque eu no inverno prefiro uma praia de banhos e no verão a cidade. Civiliso-me, meu amigo!

—Tens razão. A civilização e o progresso tanto querem avançar que dão com os burrinhos n'agua. E admiram-se de que haja quebras fraudulentas, raptos, filhos sem paes e mulheres sem pudor. Ah! a civilização! a civilização!

—A civilização como esta gente a entende, meu caro, é o cancro venenoso da sociedade. Fede a desmoralização que tresanda!

Historia contemporanea

Carta do Navarrão ao Alfoim

Presado amigo.—Sobre as nossas cabeças ronca furiosa tempestade. Olho arregalado, meu caro, porque nos querem arrancar o osso! Da nossa perspicacia neste momento psicologico depende o nosso futuro. Até agora, eram os extra-rotativos os unicos adversarios que tinhamos a recelar; agora em nossa casa temos tambem quem nos queira mal. E' fogo de todos os lados. Embora! De pé, estadulho em ponto, e para a frente! E' mister pormos em pratica a tua divisa: «Dente por dente, olho por olho.» Se os nossos adversarios pouparmos, nas mãos lhes morreremos.

Sabes que fui obrigado a chegar a roupa ao pélo ao Soisa, das Aguas, nosso collega e consocio. Sangrou-me o coração ao fazel-o; mas, quando a necessidade o exige, devemos sacrificar os homens para salvar o syndicato, que é carne da nossa carne, sangue do nosso sangue, porque é a nossa barriguinta.

O doído do Soisa, apesar dos meus conselhos paternales, amontoou asneiras sobre asneiras. Eu bem lhe gritava e eu «óhi Soisa, olha que te compararmos e nos enrasca!» Mas aquell' alma de chicharro, muito senhor do seu nariz, continuou a atirar-se ás aguas, de cabeça para baixo, loucamente, até que me vi obrigado a censural-o para que o paiz não atrasse sobre as nossas costas a responsabilidade dos actos d'aquelle envergamento, que tem aliás boas qualidades para ser nosso consocio, mas é d'uma indisciplina que me mexe com os nervos. Ah! que se elle não tivesse collocado os nossos amigos, a um simples aceno nosso, pagaria bem caros os pruridos d'independencia com que se pavoneia!

Como se isto fóra pouco, o Chico Beirão com os seus artigos no *Jornal* e o Villacinha com as suas palavras adocidadas, mas que no fundo temo lethal veneno, vão cavando um abismo entre nós e os progressistas, chamados, por irrisão, sérios e dignos. A nós, os do syndicato, chamam-nos algeibeirios, afirmando que a nossa politica é a do—Mette dinheiro na bolsa, lago; ao passo que elles são os impeccaveis, os incorruptos, os mãos limpas, os sem mancha. E ahí tens tu, meu querido, que um grupo importante do teu partido, que até agora não ousára levantar publicamente a grimpá contra nós, nos faz uma guerra terrivel, d'extermínio e de descrédito, mais terrivel e pernicioso que a dos extra-rotativos, porque estes operam fóra do campo do rotativismo e aquelles mimam dentro do nosso proprio seio. Enteza a redea, Alfoim, e segura-os com mão firme. Se elles se tresmalhiam, levando consigo o Zé Luci-Ano, ou prescindindo d'elle, estamos perdidos: elles, com os nacionalistas e os franquistas dão commosso em terra, ainda que todos os diabos do inferno se ponham do nosso lado.

Mas não são estes apenas os perigos que nos ameaçam. No Olimpo terrestre a nossa estrella empallideceu. O Hintze está em quarto minguento, eu em meia lua e o Soveral em lua cheia. Tu sabes quem é o Soveral: um catita não só no fato, mas principalmente na desenvoltura da lingua. E' perigoso, e não morre d'amores por ti, que d'elle disseste o que Mafoma não disse do tocinho, e de mim, que lhe tenho mettido a farpa sempre que o engenho e arte m'o permittem.

Porisso, para que Jupiter visse que nós somos de faca e calhau, aproveitei o ensejo da morte da rainha da Belgica para dizer do rei Leopoldo, de quem fiz um rei pandego, o que se deve dizer d'um monarcha que só pensa na pandega e mais artes correlativas. Além d'isso, quando passou o seu natal, fiz-me Alonso, contra o meu costume, e não lhe endereeí as habituaes amabilidades, para que elle sonbesse que estou com elle de candeias ás avessas. Não sei se vês bem, como diria o Zé Dias em caso semelhante...

Eu cá estou d'olho aberto. Sendo preciso, volto á vacca fria e vou apertando o fiado. Se quebrar, paciencia: morra embora o estadulho, mas fique fama, com seiscentos macacos.

Como os ares se vão turvando, e eu vou envelhecendo e preciso de assegurar o pósito para a velhice, voltei a pensar na minha ida para Roma. Com a prudencia que me é peculiar e que tu sobejamente conheces, lancei redes ao mar. Mal, porém, as atirei, um cáosito, que estava na praça com os olhos fitos em mim, começou a ladrar, e o peixe, aturdido, fixou as redes, abanou as barbatanas, voltou sobre si mesmo e pigrou-se, fazendo de longe uns signaes que se pareciam com as armas de S. Francisco. Ó tal cáosito chama-se—Reacção. Ah! se o apanho a zeito, escangalho-lhe a cabeça com a minha pata de ferro, se antes d'isso os marotos dos democratas me não pedidurarem num candleiro!

Era de meu dever prevenir-te dos perigos que nos ameaçam, porque homem avisado vale por quatro. Agora, o'ho alerta! Tem tento na bola e nada d'arrebatamentos. Convence-te de que a violencia da linguagem hoje em dia não vence nem convence ninguém. Manha e mais manha, eis o processo infallivel para o nosso triumpho.

Vae engrolando o Zé Luci-Ano como puderes. Se elle nos passa o pé, meu amiguinho, bem podemos mudar de vida, pegar nas contas e na borraça e irmos para o monte pregar ás avesinhas, porque os homens reservar-nos-hão a sorte de Santo Estevão, em recompensa do nosso acrysolado patriotismo e do desinteresse com que temos servido a humanidade.

Teu até á morte,
Navarrão.

Carta do Alfoim ao Navarrão

Incomparavel amigo.—Palavra d'honra que te desconheço. Tu, o homem do estadulho, capaz d'engulir espadas como o Ling-Lok, atterado deante da perspectiva da luta feroz! Eu, sem a lucta, sou como o peixe fóra d'agua. Que me importa que o Chico e o Villacinha, com os seus amigos, nos chamem algeibeirios? Que me im-

porta que os nacionalistas e os franquistas minem o nosso prestigio e se proponham acabar com o syndicato? Que me importa que o paiz se revolte contra nós? Dente por dente, olho por olho, percheis? Nas veias só tenho limpia; mas quando me lembro que ha quem nos queira disputar o predomínio no paiz, sinto girar-me n'ellas sangue de leão e de panthera. Não quero que roamos o osso tranquillamente? Pois havemos de descarnal-o, embora no meio d'uma lucta feroz, sanguinaria, exterminadora. O Soisa pensa como eu, e tu sabes que, se a cabeça d'elle é d'abobora, os pulsos são d'apoco. Não faqujes tu, que nós não nos deixaremos vencer pelo d'salento. Hoje, em tempos que já lá vão, os sete infantes de Lara. Porque não ha de haver hoje os tres traga-moires de Portugal?

Falas-me no declinar da estrella do Hintze, no empallidimento da tua, no brilho do cometa Soveral, nos raios e coriscos que fuzilam no Olimpo, no mau humor de Jupiter, etc.

Tudo isso não passa, para mim, d'uma tempestade em copo d'agua.

Coração acima, homem, coração acima! Tu, que és forte em latin, não esqueças jámais que—*Audaces fortuna jubat.*

Quem ha abi que nos possa vencer, quando unidos? Tu, com o estadulho e com a penna, és um exercito; eu, com a historia da Revolução Franceza numa mão e os romances do Camillo noutra, sou uma potencia; o Soisa, com o d'Alfijó a um lado e os dos tabacos a outro, não contando com as resmas dos seus projectos colonias e maritimos, é um colosso. Temos pois —um exercito, uma potencia e um colosso, a um lado. E a outro? Esses Manés Chines que nos ladram ás canellas,—o Chico, o Villacinha, o Jacinto e o Franco—e que ao verem-nos estender uma perna, fogem espavoridos, persuadidos de que lhes queremos furar as tripas.

Desconheço-te, querido amigo, e ainda tenho duvida de que a carta que recebi fosse por ti escripta, apesar d'apparentemente parecer carta d'um forte. Baste ha caso que a ideia, que ha muito te martella na cabeça, d'arranjares a ir para Roma como embaixador, se te empasse de tal modo nos miolos que te puzesse malucinho!

Deus nos livre que tal succedesse, porque seria caso para todo o Portugal se vestir de luto e para eu e o Soisa nos cobrirmos de cilicios nos rins e de cinza na cabeça e irmos em peregrinação a Jerusalem pedir a reintegração das tuas facultades, porque sem ti o syndicato seria o mesmo que uma gaiola sem passaros,—de bico amarello ou d'outra cor, pouco importa ao caso.

De pé, digote-te e agora, mas muito seriamente, e d'estadulho nas unhas! Lembra-te que nós,—tu, eu e o Soisa—somos catholicos pelo cerebro e pelo coração, e que os nossos adversarios são todos raptados judeus, que, juntamente com o osso, nos querem arrancar as queridas crenças, que com o leite bebemos. Sejam os Pedros Eremitas d'esta nova cruzada. A elles, a elles, como Sant'ago aos moiros, porque os patifes nos querem arrancar a cevada e deixar-nos com as algeibeiras vazias!

Um abraço do

Teu incomparavel,
Alfoim.

Pela copia,
Gryce.

Bellas noticias de Lisboa

—O snr. conselheiro Cain de Andrade já hoje participou aos jornaes que almoçou com appetite e trabalhou como um moiro na sua repartição.

—O eloquente e equipolente caudico Arlequim Junior vai participar a todos os diarios e periodicos que espera apanhar grandes etaceos nas audiencias geraes. Os telegrammas relativos á pescaria serão enviados directamente por sua ex.^a a todos os reporters do seu conhecimento.

—Um fiscal do sello esteve na Livraria Catholica inquirindo tenaz e capciosamente dos sellos e multas, que devia uma senhora, de recibos passados por ella ao proprietario d'aquelle estabelecimento. Afinal apurou-se que a denuncia tivera origem por equivoco nos annuncios d'um excellente livro que se intitula «A mulher como deve sêl-o». Com isto ficam vingados os mestres da lingua que reprovam um tal sel-o e dizem: a mulher como deve ser... sem sellos, nem zelos.

—Ha tempos que a synagoga de Lisboa tem a gloria de contar entre os seus proselytos um famoso jornalista, estadista em disponibilidade e diplomata chumbado irreductivelmente, portuguez por nacionalidade, hespanhol dos quatro costados e judeu do coração. Falta lhe ainda a operação cirurgico-ritual da circuncisão, a qual será brevemente executada com grande regosijo da comunidade israelita. Todavia a festa deverá ter caracter intimo, sendo por isso muito procurados os bilhetes d'entrada, que são intransmissiveis.

—Na ausencia do snr. conselheiro Dias Ferreira tem vindo ao Tejo grande quantidade de carapaas.

Novo baralho de cartas

Ha dias, depois de ter tomado o café, estava o nosso amigo Zé Luci-Ano lendo pachorrentamente as *Novidades*. Sobre os olhos caiu-lhe este titulo suggestivo: *Um baralho curioso*. Leu sofredoramente. Era uma noticia em que o Navarro dizia que o ultimo invento do imperador Guilherme, da Allemanha, é um baralho de cartas, com desenhos por elle feitos. A dama de copas é representada pelo retrato da rainha Victoria; a de oiros, pelo da rainha viuva de Italia; a de paus, pelo da fallecida imperatriz Isabel da Austria Hungria; a de espadas, pelo da Tzarina. Os reis são representados assim: o de espadas, pelo Papa; o de paus, pelo rei Humberto; o de oiros, pelo rei Leopoldo II; o de copas, pelo proprio Guilherme. Os quatro valetes são quatro antigos presidentes de conselho: Bismark, Gladstone, Crispi e Waldeck-Rousseau. Os quatro az são quatro das mais lindas atrizes europeas, cujos nomes não são ainda conhecidos.

Zé Luciano, depois de ler, matutou:—Se Guilherme—disse—inventou um baralho de cartas novo, porque não hei de eu tambem notabilisar-me inventando outro?

E pegou immediatamente na penna, bateu duas vezes com os dedos na testa e escreveu: «*Memorandum*.—Nas horas vagas desenharei um novo baralho de cartas com as seguintes figuras:

Rei d'espadas—O João Franco, pela galhardia com que maneja o sabre.

Rei de paus—O Chico Beirão, porque é um sub-chefe que se deixa embarrilar pelos outros.

Rei d'oiros—O Navarro, pelo amor que professa pela effigie da rainha Victoria .. em estertinas.

Rei de copas—O Hintze, pela pesporrencia com que se apresenta dentro da sua casaca a dirigir o partido.

Valete d'espadas—O Teixeira de Sousa.

Valete de paus—O careca Pereira e Cunha.

Valete d'oiros—O galante Conde de Paço Vieira.

Valete de copas—O pernicioso Mattoso dos Santos.

Az d'espadas—O Eduardo Villacinha, que não faz mal a uma mosca.

Az de paus—O Marianno de Carvalho, que é hoje um velludo.

Az d'oiros—Eu, Zé Luci-Ano.

Az de copas—Zé d'Alpoim, pela sua rotundidade e mais partes componentes que nelle concorrem.»

Consta-nos que na Imprensa Nacional já estão dois gravadores a limpar os buris para começar esse monumental baralho, que ha de immortalisar o nosso amigo Zé Luci-Ano.

Miseria

Tenho aqui um visinho—homem casado, pae já de cinco filhos—uma dôr!... Elles pedem pão á mãe, e mãe... senhor!... não tem para lhes dar nem um bocado!...

A's horas de comer então o clamor das rotas creancitas é dobrado!... e anoa a pobre mãe d'um p'ra outro lado afflicta a sob'rnadar num mar de dôr!...

—Meu filho! assocega, meu filhinho!... o pae logo ha de vir... e traz pãozinho!! diz a triste a chorar... não convencida!

Que á noite sabe a pobre que o operario em vez de dois terços do salario traz feia embriaguez... familiaridade!...

O Pescador.

Como ellas se armam

Más linguas,—que sempre as houve e ha de haver emquanto o mundo fór mundo—dizem que mestre Navarrão esporeou valentemente o seu confidente Soisa, da marinha, porque, ten-

do desejado uma companhia estrangeira a concessão do Lunda, e havendo Navarro sido o encarregado de preparar essa trama, dirigiu ao Soisa, que não atava nem desatava, este *ultimatum*: ou tu desatas ou eu te racho!

Soisa tremeu, e o caso não era para menos. Foi bater á porta do Hint Ze, que é o refugio de todos os atrapalhados, e assim lhe falou:—Pae Hint Ze, o Navarrão quer que eu dê a uma companhia estrangeira a concessão do Lunda. Se dou, os extra-rotativos esfolam-me vivo; se não dou, o Navarrão põe-me os ossos num feixe. Que fazer, paesinho? Salve-me com uma das suas phenomenaes ideias!

O Hint-Ze sorriu-se, poz a mão na cabeça do Soisa e assim lhe foi falando brandamente ao cerebro e ao coração:—Nunca recorrerás ás minhas luzes, que estas te não sejam amplamente franqueadas. Descalças admiravelmente a bota dizendo ao Navarrão que tu, como bom amigo que és d'elle, te não oppões, mas que o Rei, consultado, disse positivamente que não.

O Soisa agradeceu e poz em pratica o conselho.

O Navarrão não esteve com mais cerimonias: bordoad a coca e vêr se o Navarrão muda d'opinião e faz *amende honorable*.

Estamos á coca a vêr se o Navarrão muda d'opinião e faz *amende honorable*.

So isso succeder, é caso para gritar:—Aqui d'El-Rei, que são todos muito honrados, mas o nosso capote falta-nos!

Grande crime Um homem falsificado!

Foi hontem preso em Paranhos
Pela policia civil,
Um sujeito bem vestido
Limpo, aceiado e gentil.

Cabello farto e sedoso
Barba preta e bem tratada,
Bellos dentes, boas côres,
Uma figura apumada.

Depois de muitas perguntas
A's quaes respondeu sem medo,
O terrivel criminoso
Foi mettido no segredo;

Visto que no fim de contas
Ficou bem averiguado,
Que elle era, nem mais nem menos,
Um homem falsificado!

A cabelleira sedosa
Não passava d'um chinô;
As rosadas côr do rosto
Feitas por um qualquer pó.

A barba negra e lustrosa
Tão farta e tão bem tratada,
Verificou-se afinal
Que havia sido pintada.

Os dentes maravilhosos
E brancos como ma'am,
Eram postiços, e feitos
Do cabo d'um pingalim!

Para usar aquelle aprumo
De elegancia e distincção,
Tinha o casaco e colête
Recheados de algodão.

A calça de panno cru
Em estado muito mau;
P'ra cumulo de miseria
Tinha uma perna de pau!

Oh paes e mães de familia
Que quereis filhas casar;
Atendei e meditae
N'este caso de pasmar.

Guardae as filhas queridas
Em forte bahú de couro;
Nem ha rosas sem espinhos,
Nem tudo o que luz é ouro.

Thomé Thomaz.

Noticias graudas

—O snr. José das Costas Largas, illustrado mareceiro, esteve hontem muito incommodado com uma dôr de cadeiras.

—Apanhou um defluxo na Praça da Batalha o chorado rei D. Pedro V. Por este choro-motivo o Rei Soldado mandou um bombeiro municipal dar a seu attencioso neto por conselho que ponha o chapéu armado na cabeça, como o tem sempre na velha Praça Nova S. M. Imperial.

—Dizem de Braga que naquella antiga, fiel e augusta cidade continuam tod's a dormir com a porta aberta.

—O Infante D. Henrique pediu licença á camara municipal para descalçar as manoplas, porque precisa de coçar a cabeça.

—O sino grande da Sé acha-se, ha muitos dias, incommodado com uma indigestão. Tem-se conservado com toda a paciencia de boca para baixo, mas sem poder vomitar.

—Quatro equidios residentes em Asneiros, que dão pelo nome de burros, receberam o diploma de socios da Real Associação de atiradores portuguezes. Alguns dos antigos socios, ao que nos consta, vão protestar, receosos de serem vencidos pelos novos no primeiro concurso de tiro.

—Informam-nos que, na proxima sessão da camara municipal, o illustre vereador que tem no bolso do seu collete o pelouro dos cemeterios proporá que seja removido de Agramonte e do Repouso todo o calgado que tenha cinco annos de caixão e distribuido por todos os aspirantes a camaristas que esperam por sapatos de defunto. Nós andamos averiguando para onde tem ido até agora tanto sapato que deixam as ossadas quando é volvido «das sepulturas o gelado pó».

Genesis

Segundo resa um livro da Escriptura,
O Genesis chamado, de Moysés,
Parece-me que Adão foi creatura
De barro só formado, sem mistura,
Da sua cabecinha até aos pés.

Mas altas concepções do grande caco
De Darwin, *grande mestre*, e outros mais,
Quizeram ter nascido d'um *macaco*.
Eu guardo-lhes cá esta, aqui no sacco,
E sejam macaquinhos, mas leaes.

Eu tenho amigos meus, não pataratas,
Que sabem haver mais transformações;
E dizem que d'uns que ha, de quatro patas,
Vieram para cá os *nephelibatas*.
Por esse mundo fóra, aos trambulhões.

Agora mais de fresco, é que eu conheço,
Patifes d'alta fama, uns *ligurões*,
Os quaes gananciosos d'alto preço,
Pretendem transformar a gente em gesso!...
—Que bem lhes fica o nome de *ladroões*!

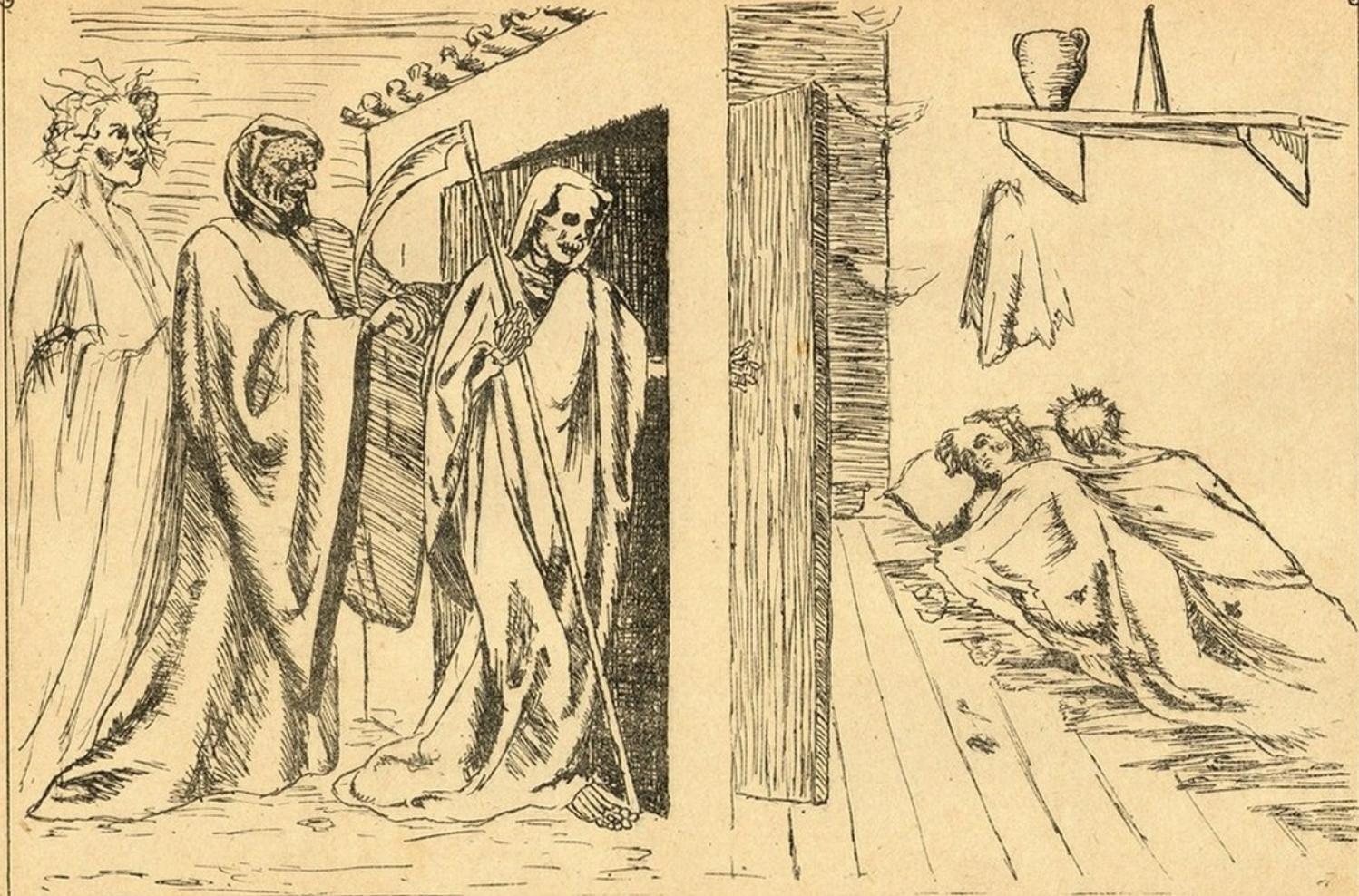
Pois alto e bom som aqui o digo;
Eu sou dos da primeira criação.
De gesso, eu não sou; não cômo trigo,
Macaco, tambem não; Darwin não sigo,
Eu sou dos descendentes do Adão.

.....
E aqui, dois dos em *atas*, carrancudos,
Com outros darwinistas cabelludos,
Me dizem, mariólas e de esguelha:
—Quaesquer dos Adamistas são telhudos
Pois são filhos do barro Adão e a telha.

.....
Se gostam, pois, senhores, da minha telha,
Aqui muito baixinho m'o dirão;
Senão, vou desandando a caravelha,
Êstico mais a corda; e a vossa orelha,
Depois me avisará da afinação.

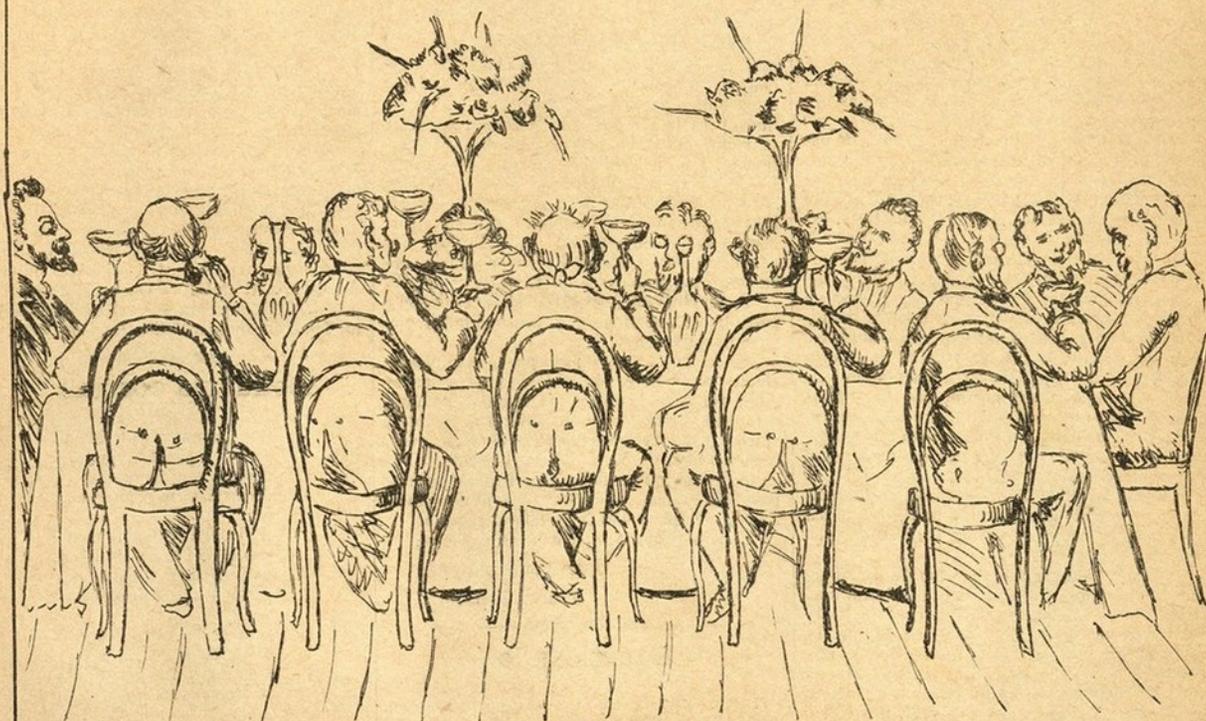
P. S.—Se me quizerem escrever, será com a direcção que segue:
Cidade de Casca de Arroz
Rua do Serrim
Palacio do Gesso
Correio de Farinhas.

Abel.

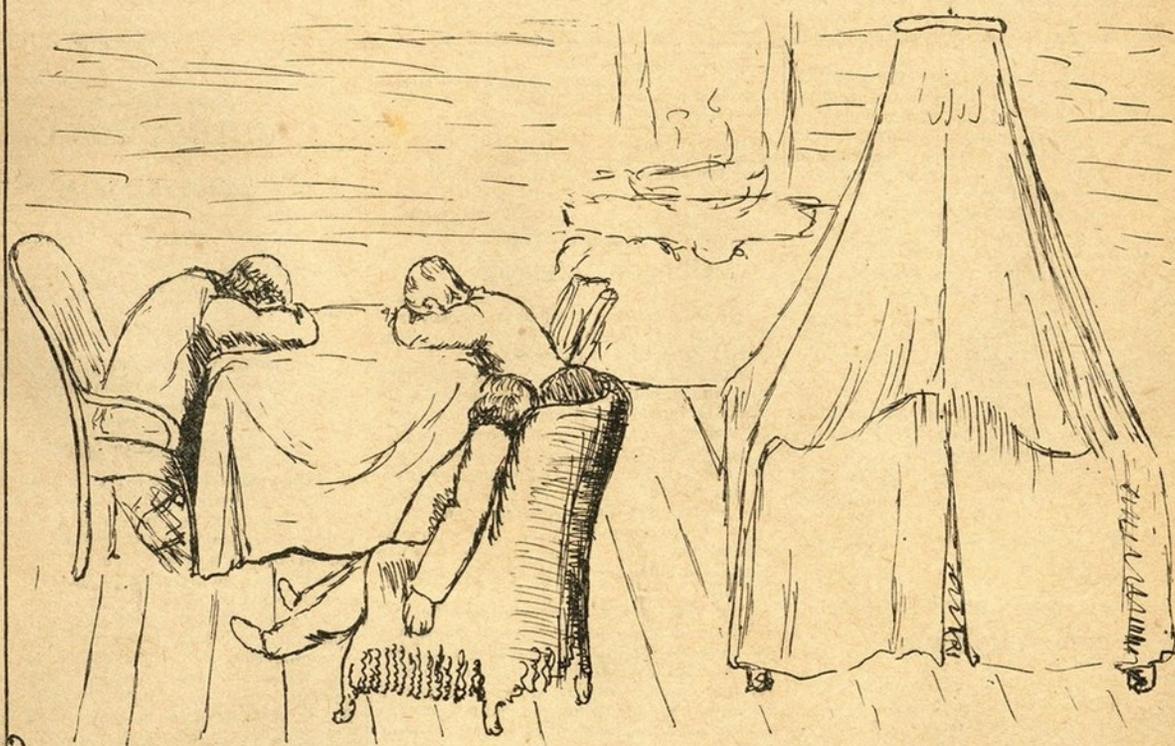


Nos tugurios onde vegetam os desgraçados operarios, todos os dias visitados pela fome, peste e morte, entrou agora um raio de esperança, porque

PATHOLOGIA SOCIAL



Reunio a sciencia em magno e succulento congresso para estudar *praticamente* o meio de combater o mal que victima os pobres trabalhadores; resolvendo as summidades—*com sumo*—



Recolher aos respectivos gabinetes, para, com o socego que o caso requer, estudar a questão.

Requerimento

Carta aberta a Pedro sem vintem

Pobrissimo Sr.

Diz D. Bronzea, bem conhecida por burra do estado, divorciada de milhares de esposos (ou o que em direito melhor nome tenna), abonada com attestado de bom comportamento... de passividade, que, achando-se no seu estado... desinteressante, pretende passar a ultimas nupcias, se não houver impedimento.

A supplicante, Pobrissimo Sr., que está para com V. Pobreza em igualdade de circumstancias—sem uma de X—, desejava curar-se no banco d'um hospital; mas, receando que lhe applicarem alguma beberagem d'agua-forte, esperará que lhe ministrem uns palliativos... impressos numa certa casa, por ordem de certos medicos que curam no banco... *

A supplicante, Pobrissimo Sr., apesar de estar a morrer de maleitas, tem ainda muitos recursos de subsistencia: tem os rendimentos das quintas do Minho, das vinhas do Douro, das lezirias do Tejo, Oliveiras de Santarem e figueiras do Algarve; porém, não ha muitos mezes, uns credores, que tinha e tem no estrangeiro, moveram-lhe um *arresto* e penhoraram-lhe o melhor dos seus predios que a pobre lazarenta possuia na Alfandega da... Fé!

E com a quinta da Alfandega embrulharam-lhe tudo o mais que possuia—tudo!—e agora a pobresita só come dos seus bens a palha... que fica a Traz!

Veja V. Pobreza a triste situação da burrica—a pobre que tem dado leite para sarar tantos tuberculosos, principalmente desde a Maria da Fonte até nossos dias, que é desde quando data a febre lenta em maior grau—veja V. Pobreza, digo, a situação da lazarenta, agravada—ainda para mais!—com a canceira de aleitar seis *meninos da roda-vae-roda-vem*, uns mamões d'uma figa, que não sei quem se lembrou de expôr á porta da supplicante numa noute de inverno!

E note V. Pobreza que os supraditos expostos, os taes mamma-na-burra, são filhos de gente grada, nomes muito conhecidos no mundo... das eleições.

E sugam-na, sugam-na, que nem as pelles lhe deixam. Quem lhe tocar na arca sente o ruído d'uma lata de petroleo sem o liquido!

Para prolongar os dias de vida por mais dois seculos, ao menos, deseja a supplicante passar a ultimas nupcias, para o que offerece generosamente a V. Pobreza *uma das mãos* (ou ambas) e a administração de todos os bens, com procuração em *rem propriam*, sem poderes de sub-estabelecer em commissões e commissarios. E promette nomeal-o seu herdeiro universal, se administrar bem, sem o encargo das despesas do enterro.

Desejando, pois, a supplicante que V. Pobreza fique *mamão unico*, e que possa vir a ser o *Pedro-tem*, carinhosamente

P. a V. Pobreza se digne acceitar benignamente esta ardente supplica.

E. R. M.
(Espero receber mexilhões)

A rogo da supplicante, e sem procuração.

Dr. Joantio.

Que felicidade!

Cantava certa casada
(Por signal doente e nova)
Com agri-doce toada
Esta trova:

«Ventura, feliz ventura
E' a que uma freira logra,
Que nem cunhadas atura,
Nem tem sogra!»

Ego.

BILHETE POSTAL

Do Tristão Zarco
a Antonio Zarco

Senhor.

Fiquei arreliadissimo ao ler no correio da casa do numero passado o seu nome. O amigo deu-me um trabalho da maleita. Tenho passado estas noites preciosas do outomno, tão *aperitivas* para tomar doses de Morpheu, a folhear as velhas chronicas genealogicas da minha parentela. Nem pelos diabos encontro o seu nome. Desde os meus nobilissimos avós Goncalves Zarco e Tristão Vaz (dos quaes o segundo foi meu padrinho do baptismo e o primeiro tambem, com procuração da madrinha) até este seu descendente d'elles e até meus filhos, não encontro nenhum nome de Antonio.

Salvo o devido respeito pela honra dos meus patrioticos ascendentes, só posso admitir que V. S.^a seja engeitado...

Se assim é, muito gosto terei em conhecer alguns pormenores da sua vida para lances d'um romance historico de familia que ando compondo, onde traço a altissima, gigantea, epica e historica figura dos meus chorados avós, descobridores da Madeira e Porto Santo.

Ai! com que saudades os lembro! principalmente o meu querido padrinho Goncalves Zarco, de quem tão bons folares recibia!...

Espero resposta, e, sem mais, desde já,

Att.º V.ºr e obrigado

Tristão Zarco.

Causticando

—Amigo, és um ingenho! abre os olhos, que, assim, Não poderás viver, nunca serás ninguém. Deixa-te da paixão da Justiça e do Bem. Procura ser feliz, fugindo ao que é ruim.

—Entras na vida, agora, e eu quasi estou no fim. Sei o que os homens são... talvez como ninguém: Se o imperio fatal que, hoje, o Interesse tem... Que a força reina ali, calcando tudo, enfim!

—Que grande pessimista... —O que é ser-se creança E ter um coração a sorrir de esperança, Leal, ingenho e bom, sem o mal conhecer.

Eu não sou pessimista e não quero que os sejas. O que eu, porém, desejo é que tu saibas e vejas Que é tido por um louco o escravo do dever!

Colorau.

Chegou, chegou...

Da estranja chegou a Lisboa o nosso amigo e futuro presidente de conselho—se Deus quizer!—João Franco Palavicini.

Sabel-o nós, fazermos as malas, mettermos dinheiro ao bolso e partirmos para Lisboa no rapido foi obra d'um momento.

A *gare* á cunha. Notamos apenas que quasi todos os aguardantes traziam cachenez a cobrir-lhes parte do rosto. Perguntamos se haveria em Lisboa epidemia de dôres de dentes. Que não era isso, explicaram-nos: como quasi todos eram regeneradores, não queriam que os conhecessem, afim de que o Hintze lhes não chamasse traidores e lhes não puzesse a gamella d'alto.

Puf, puf, puf! E' o comboio que chega. O João, de boina, apparece á janella da carruagem (do Entroncamento para Lisboa veio em 1.º). O respeitavel publico estende-se em fileira. João desce e distribue abraços á direita e á esquerda. Nós, modestos, puzemo-nos em ultimo lugar. João chega-se. Abraça-nos. Cavaqueamos.

—Então, João, gosaste?

—Gosei... Quinhentos mil reis de despeza! Estou arruinado! Gosei, acredita.

—E trazes ideias novas, hein?

—Novissimas, meu caro. Quando eu fór governo, hei-de augmentar os honorarios dos ministros. Está tudo pela hora da morte. Acre-

dita que se não pôde viver com tão pouco dinheiro.

—Mas de vida nova, que pensas tu? Já trazes programma?

—Vida nova: economia nas despezas; augmento nas contribuições; menos progresso e mais massas para pagar aos credores. Programma: Hintze fóra do poder e eu a substitui-o. E' curto mas suggestivo.

—Admiravel!

—Pouco mas bom; é a minha divisa.

—Dize-me: Sempre é certo que tu vaes abrir os cordões á bolsa para crear um novo jornal franquista, teu orgão?

—Um orgão á minha custa?!... Que calafrios sinto! Queres vêr que me constipei?! Dás-me licença, sim? Até á vista, amigo. Faz visitas aos correligionarios do Porto. Olha: diz ao José Novaes que gaste á larga... do d'elle, para consolidar o partido, porque o considero o meu mais fiel correligionario do norte. Adeus!... At-chim!... Que horrorosa constipação. (*Aparte*) Para que foi que este maldito me falou em dinheiro! Constipei-me logo!

Denuncia aos sub...

Por poupar um sacrificio ao nosso publico erario, é *misto* o novo edificio do magisterio primario.

A' janella do andar medio, mesmo em horas de labor, para dissipar o tedio passa a vida o professor.

E, recostada á humbreira da porta do rez do chão, a collega *feiteira* ás alumnas dá lição...

Pedagogos dedicados n'ua nobre missão é *onde mareavam* lição.

Tristão Zarco.

ULTIMA HORA

Telegrammas

Braga—12 outubro—4 h. t.

Grande expectação em todos os braguezes. Amanhã inauguração Fr. Thomaz Villa Velha.

Braga—12 outubro—4 h. t.

Fr. Thomaz Villa Velha radiante. Disse hoje discurso se contentava com simples estatua gesso, em qualquer logar.

Braga—13 outubro—9 h. m.

Inauguração estatua Fr. Thomaz Villa Velha concorridissima, principalmente estudantes. Todo o mundo queria vêr. Fr. Thomaz subiu estrado. Mão no peito, olhos alvo. Parecia em extasis. Começou discurso: «Senhores: N'esta hora, meu coração volitando pelas azuladas abobadas dos ceus...» Gargalhada geral. «Não é com essas; já não nos enganás; bem te conhecemos.» Pateada enorme, tão grande, que a estatua caiu, caiu o pedestal. E o susto foi tão grande que todos fugiram deixando um cheirete... ai! que cheirete... pae do Ceu... Só Fr. Thomaz ficou de lenço no nariz para não absorver... mandando para o inferno os que pregaram partida e zombando a sua coruscante vaidade.

Madeira, Funchal—14 outubro—2 h. t.

Os da quadriha tem beija de palmo e meio.

Ignoram-se motivos.

Correio de casa

Anastacio—Este *Anastacio* vale quanto pesa! Enche quatro laudas de papel para nos dizer que ficou «tão alegre, tão alegre, tão alegre» (tres alegrias são de mais) ao ver e ler *O Petardo* de 8 paginas, que de boa vontade daria agora 15000 reis por anno, se lh'os pedissemos, em vez dos 300 reis que exigiamos, quando elle era de 4 paginas e mau papel.

Agrada-nos saber que o amigo *Anastacio* ficou contente com *O Petardo*, e, em recompensa da alegria que nos communicou, apanhe lá dois abraços dos de mette costellas dentro.

N. B.—A gente não exige os 15000 reis por anno, mas se o amigo *Anastacio* tiver devoção de dal-os, creia que os não lançamos pela janella fóra. Nós cá,—é o programma da casa—aceitamos tudo que nos dêem pela assignatura da gazeta... de 500 reis para cima.

Zorrilla—O *Zorrilla* diz-nos tres coisas azedas porque, affirma, já nos mandou duas produções suas e não as viu publicadas nem annunciadas como recebidas no *Correio de casa*. O *Zorrilla* tem razão de queixar-se, mas não de descompor-nos. As suas produções foram para o Inferno, porque só um diabito coxo as pode comprehender. Quanto a não lhe havermos dito o destino que ellas tiveram, porque poz o *Zorrilla* o seu verdadeiro nome no fundo do parto? Tratava-se d'amigo e achamos duro dizer-lhe que, ácerca da sua litteratura, o melhor era continuar a escrever officios... com a manga d'alpaca sempre vestida para não sujar o casaco. Mas como o *Zorrilla* gosta de se ver citado no *Correio de casa*, ali tem as razões. E sempre amigos, sim?

Zu-Zu—Sabe vossa mercê que mais? Caracoles! O amigo *Zu-Zu* gostou d'*O Petardo* ultimo. Diz-nos que a prosa lhe encheu as medidas e que as caricaturas, se tem algum defeito, é o de serem boas de mais; mas (se este *mas* não havia de vir!) acha melhor que as caricaturas sejam a cores, porque attraem mais o Zé-povinho.

E o *Zu-Zu* não quer que tambem demos aos leitores uma canja de gallinha e chásinho com torradas? Valha-o Deus, creaturinha do Senhor! Olhe que cada tostão ainda custa cinco vintens. Quando os tostões estiverem mais baratos 50 p. c., falaremos. Ou então, se nos sair a sorte grande da loteria de Lisboa, a coisa arranjar-se-ha. Mas encarregue-se o *Zu-Zu* de comprar o bilhete, porque nós... não estamos em casa para isso.

Caturra—Este impertinente acha que *O Petardo* melhorou muito, mas, a seu ver, podia melhorar mais. Quer artigos «mais curtos, mais pilherosos e mais tezos.» Não diremos que o *Caturra* não tenha razão; o que lhe dizemos é que lhe falta justiça. A pilheria não é coisa que se compre: nasce com o bicho homem; tezura, que nós não sabemos o que seja, deve haurir-se provavelmente na convivencia com os mal-educados, e nós fazemos por nos afastar d'elles o mais que podemos, embora já cá tenhamos no papo algumas pilulas d'essa droga: artigos curtos, são faceis, mas exigem mais pessoal, porque muito, variado e bom... só os genios o dão. E cá não ha d'isso.

Ora vá-se o *Caturra* contentando com o que ha, que menos dá uma *figueira*.

Liberal—Este liberal sempre tem coisas! Acha a cabeça d'*O Petardo* muito boa, melhor do que a outra (pois olhe que o pae da creança é o mesmo) mas parece-lhe que ficaria obra mais acriada se, em vez do *In hoc signo vinces*, tivesse a encimar a cruz a coroa real portugueza, «para se saber que os petardistas são monarchicos e patriotas.» Apoiado, amigo *Liberal*, apoiado! E nós propomos mais alguma coisa: que, na parte inferior, se ponha, d'um lado, uma mulher a abanar a um fogareiro, para se saber que os petardistas tambem comem, como toda a gente que não tem a mania de morrer de fome; e, do outro, uma casinha terrea com o leitreiro:—*Lieu d'aisance*, para se não ignorar que nos *quoque gens sumus*...

Que diz você a estas genias ideias, seu Zero d'uma figa?

Lucas—O Lucas pede-nos com muito empenho que pintemos o Navarrão enforcado num

candieiro, com a lingua de fóra e a rabona da sobrecasaca a dar a dar, e o S'isa, da marinha, pendurado na verga d'um navio a fazer fiças á humanidade.

O *Lucas* não tem o juizinho todo. E se os homens morressem de justo, quem respondia por vidas tão preciosas? Olhe que esses dois macanjos são preciosos. Deus, que assim os fez e os ajuntou (agora andam elles ás turras!) lá teve os seus designios.

Você, seu *Lucas*, não sabe que os sapos são uteis ao lavrador, porque, de noite, comem toda a bicharia miuda que flana na horta? E quem lhe diz a você que os dois tambem não são uteis á patria, por comerem outros bicharocos mais pequenos que a sugariam? Metta, pois, a viola no sacco e deixe viver os homens.

Adagio a adivinhar

Homem de rijas feveras
—Pedro Poncio Penedo—
Era p'ra elle, brinquedo
Estar frio ou calor.
Não mudava de roupa
Em nenhuma estação:
No inverno e no verão
Sempre audaz, falador.

Juca Gomes Ferreira,
Outro rumo seguia:
Quando frio sentia
Todo se enfarpellava;
E quando o calor vinha
Vestia-se de bom brim;
Mas,—pobre!—nem assim
Ao calor escapava.

Num dia friorento,
Juca disse ao Penedo:
Revelas-me o segredo
De não andar tranzido?
—Beha-lhe boas pingas!
—Ora! d'isso eu me rio!

Gryce.

Novissima

Alegre suspende a mulher—1—1

d'Albaret

Charadas novissimas

1.^a

Com 24 horas, de manhã, e com juizo, faz-se um homem. 2, 1, 2.

2.^a

Sabem-se as novidades, tendo juizo, este homem. 2, 2,

3.^a

Com esta medida, demoro muito, este jornal. 1, 2.

Charada combinada por syllabas

4.^a1.^a+cão—Quantidade2.^a+do—Completo

Cidade

Charada combinada por letras

5.^a1.^a+a—aqui2.^a+h—exclamação3.^a+i—Contemplei4.^a+a—se fosse5.^a+a—alem6.^a+a—no verbo7.^a+i—Queixume8.^a+o—segurar

Cidade

Adagio a adivinhar

(Do numero passado)

Decifração:

Se a arder vires do visinho
A barba, a tua póe de molho.

Logogrifo

(Do numero passado)

Decifração:—S. Martinho.

Charada

(Do numero passado)

Decifração:—Bussaco.

Charada antonymica

(Do numero passado)

Decifração:—Numismatica.

Expediente

A todos os nossos presados assignantes que se acham em debito das assignaturas, rogamos a fineza de satisfazerem os seus pagamentos até ao dia 25 do corrente mez. Besde essa data em diante, aos que ainda não tiverem satisfeito os seus debitos, começaremos a enviar para o correio os recibos d'anno com um augmento de 50 réis para ajuda das despesas do correio.

E' nosso correspondente no *Seminario de Santarem* e em to'a a cidade, o Ex.^{mo} Sr. Francisco C. Nunes.

E' absolutamente indispensavel que os pedidos sejam acompanhados do n.^o que tem a cinta, que é o numero do assignante. A falta d'esta condição importa falta de resposta.

Quem receber dois exemplares faz-nos grande favor mandando um com a nota seguinte: por vir em duplicado.

Serviço da administração

Pagos os numeros

8, 9, 10, 12, 13, 14, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 53, 80, 82, 90, 84, 85, 87, 89, 108, 100, 96, 91, 98, 105, 99, 126, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 136, 140, 143, 145, 149, 150, 163, 166, 168, 169, 174, 176, 177, 182, 193, 195, 209, 316, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 361, 370, 371, 372, 377, 382, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 430, 456, 664, 666, 1127, 1133, 1135, 1183, 1200, 1208, 1226, 1227, 1233, 1234, 1262, 1276, 1277, 1278, 1279, 1321, 1323, 1346, 1356, 1368, 1422, 1423, 1430, 1449, 1457, 1465, 1505, 1512, 1534, 1559, 1627, 1632, 1707, 1766, 1827, 1841, 1848, 1870, 1897, 1829, 1982, 1985, 2003, 2008, 2031, 2103, 2119, 2130, 2154, 2165, 2175, 2189, 2204, 2206, 2214, 2216, 2224, 2248, 2258, 2285, 2311, 2333, 2334, 2345, 2347, 2363, 2378, 2406, 2124, 2451, 2482, 2569, 2631, 2670, 2727, 2729, 2643, 2768, 2773, 1126, 1131, 1637, 2838, 2550, 1722, 1431, 1541, 453, 945, 946, 950, 951, 955, 964, 966, 967, 972, 944, 973, 2593, 2440, 2795, 1933, 729, 88, 104, 84, 39, 112, 1374, 1376, 709, 1737, 2238, 1594, 1938, 1367, 1405, 1406, 1409, 1423, 1424, 1425, 1426, 1427, 1431, 1435, 1443, 1444, 1445, 1446, 1447, 1450, 1451, 1452, 1453, 1593, 2447, 2200, 2107, 600, 601, 602, 1381, 2147, 2411, 1694, 1868, 1408, 2184, 2450, 427, 1371, 154.

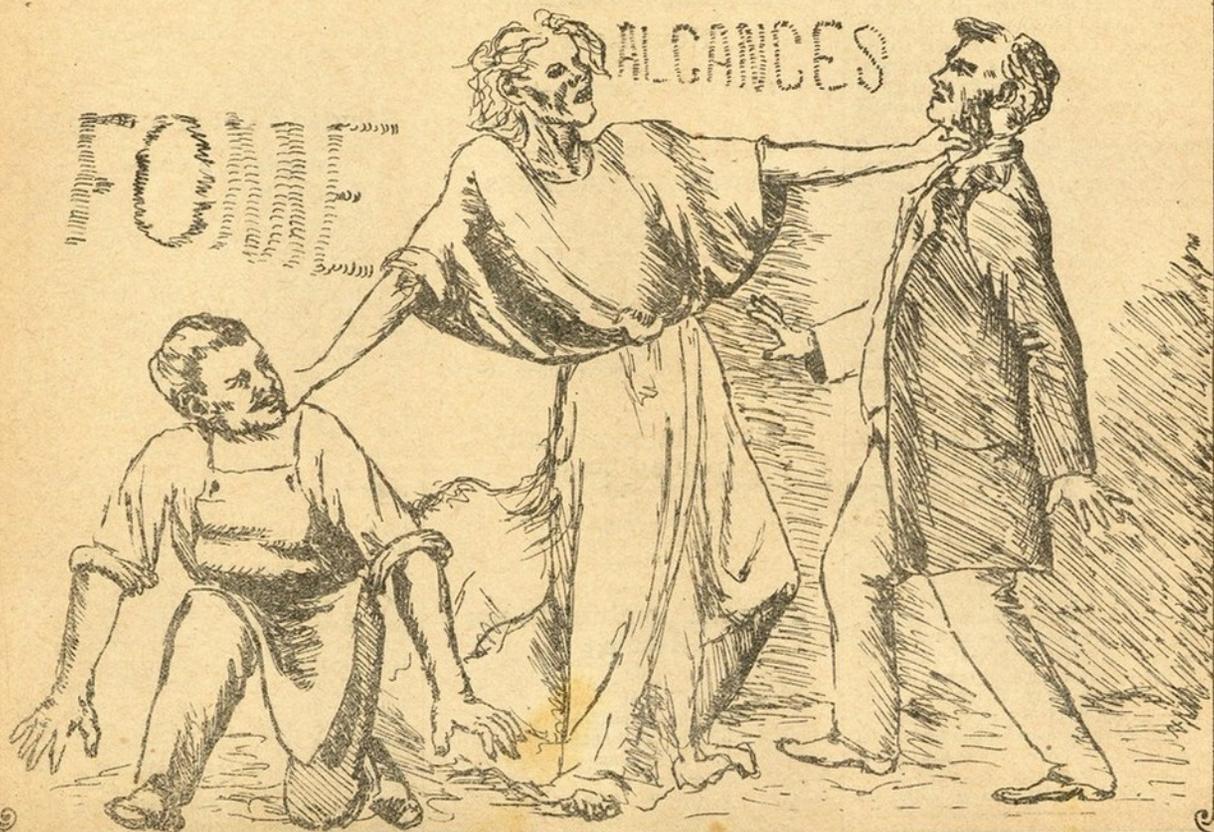
Typographia de José Fructuoso da Fonseca



O Gryce visto com os olhos do Thomé Thomaz.

O Gryce visto com os olhos do Ego.

A proposito da grève na Covilhã



Da ignorancia do operario e má vontade do patrão, quando levados pelas deleterias doutrinas do seculo, só se gera o odio e a miscria que a ambos empoiga.